REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO EXTRANGEIRO

Preços da assignatura	Anno — 36 n.os	Semest. — 18 n.os	Trim. — 9 n.os	N.º á entrega
Portugal (franco de porte, moeda forte)	3$800	1$900	$950	$120
Possessões ultramarinas (idem)	4$000	2$000	—$—	—$—
Extrangeiro (união geral dos correios).	5$000	2$500	—$—	—$—

10.º ANNO — VOLUME X — N.º 311

11 DE AGOSTO 1887

REDACÇÃO — ATELIER DE GRAVURA — ADMINISTRAÇÃO

LISBOA L. DO POÇO NOVO, ENTRADA PELA TRAVESSA DO CONVENTO DE JESUS, 4

Todos os pedidos de assignaturas deverão ser acompanhados do seu importe, e dirigidos á administração da Empreza do OCCIDENTE, sem o que não serão attendidos.

CHRONICA OCCIDENTAL

Como os nossos leitores sabem, o imperador do Brazil demorou-se agora alguns dias em Paris, de passagem para Karlsbad, onde, por indicação dos medicos, vae fazer uso das aguas.

Na sua estada na capital da França, sua magestade frequentou o Instituto e a Academia das Sciencias, teve largas conversações com sabios em voga e com litteratos eminentes, occupou-se muito de litteratura e de sciencia, com um grande interesse enthusiasta, que lhe fica muito bem, que o torna muito sympathico aos homens de talento e que constitue o lado caracteristico da sua individualidade, em todos os passeios que tem dado pela Europa.

O que sua magestade o imperador do Brazil é no seu imperio, não sabemos: cá fóra, quando deixa o sceptro de imperador pela mala de *touriste*, quando substitue na sua cabeça a corôa imperial pelo chapéo de côco, é o mais expansivo dos cavaqueadores, o mais enthusiasta dos *dilletanti* em cousas d'arte, de sciencia e de litteratura.

D'esta vez, porém, este seu amor pelas coisas litterarias acaba de ser posto a uma prova seria, por um escriptor francez, que Portugal conhece bem, por já cá o ter visto duas vezes — o sr. Louis Ulbach.

O sr. Louis Ulbach, que não occupando evidentemente na litteratura parisiense um logar proeminente, é todavia um escriptor distincto e muito considerado, aproveitou a passagem pela França do chefe do vasto imperio do Brazil para tentar conquistar mais uma adhesão para a celebre *união litteraria* de Berne de que elle foi um dos principaes iniciadores.

Effectivamente a coisa é bem tentada, mas duvidamos muito que passe de tentativa, e que as palavras e os argumentos de Louis Ulbach obtenham bom resultado.

O sr. Louis Ulbach é um dos presidentes *na Associação Litteraria Internacional*, d'essa Associação que ha annos realisou em Lisboa um dos seus congressos annuaes, de que o *Occidente* se occupou em tempo com toda a minuciosidade. A *Associação Litteraria Internacional* tem por fim principal, por fim unico, — e parece-nos este exclusivismo ser o seu grande defeito — a garantia reciproca da propriedade litteraria em todos os paizes.

Creada em França por varios escriptores e por varios editores, tendo á sua frente como presidente d'honra Victor Hugo, essa *Associação* tem corrido mundo, tem andado pelas varias capitaes da Europa procurando todos annos adhesões, angariando proselytos, contentando-se no principio com umas convenções internacionaes muito restrictas, na esperança de mais tarde obter uma convenção ampla e geral.

Em Portugal, a Associação Internacional, não tirou grande proveito do seu congresso; quando esse congresso se realisou, já havia ha muitos annos uma convenção litteraria com a França, — convenção feita em 1866 pelo sr. conde de Casal Ribeiro e de que o paiz nunca tirou resultado algum, sob o ponto de vista de interesse nacional, — e a mesma convenção ficou existindo sem se lhe alterar uma virgula, apesar de todos os discursos feitos no congresso.

E longe de censurarmos o governo portuguez pela sua reluctancia em acceder ás repetidas instancias da *Associação Litteraria Internacional*, nós elogiamol-o sinceramente e convictamente pela tenacidade com que se tem negado a satisfazer os desejos d'essa Associação, que visam muito mais a proteger editores, do que a proteger a litteratura.

Todas as vezes que os francezes nos fallam em garantia do direito de propriedade, nós respondemos-lhe e com muita logica creio eu, que estamos promptos para isso, mas que primeiro nas arranjem elles igual tratado com o Brazil.

E ahi é que bate realmente o ponto.

Essa coisa chamada *garantia reciproca* que nós temos escripto no nosso tratado litterario com a França não passa d'uma fórmula diplomatica e nada mais. A reciprocidade é cousa que não existe entre nós e a França, é cousa que não existe litterariamente entre a França e paiz algum, porque o francez é rebelde a ir buscar ás litteraturas extrangeiras as suas producções originaes, para as transplantar para a sua lingua.

Isto mesmo tivemos o prazer de ouvir dizer no congresso de Lisboa, por um delegado litterario da Allemanha, que se queixou e com certa justiça, da barreira inexpugnavel que encontravam na litteratura franceza, todas as obras litterarias dos paizes europeus. E desde o momento que isto é assim, esses paizes fazendo convenções com a França, tem tudo a perder e nada a ganhar, porque a tal reciprocidade é cousa que se não dá.

Vejamos por exemplo o

MONUMENTO DE S. FRANCISCO XAVIER, EM SANCHOAN

LEVANTADO NO LOGAR EM QUE O SANTO FALLECEU. — Vide artigo Romaria em Sanchoan

(Segundo uma photographia)

que tem ganho Portugal com a sua convenção litteraria com a França, mesmo incompleta e defeituosa como lhe chamam os francezes?

Durante esses vinte e um annos decorridos desde a data da convenção o que tem a litteratura portugueza lucrado com isso?

Nada, absolutamente nada: e os editores francezes tem lucrado senão mundos e fundos, pelo menos um bom par de contos de réis em direitos de traducção e de representação.

E por isso nós achamos perfeitamente justa a resposta, sempre dada, de que estamos promptos a acceitar convenção mais ampla desde o momento em que nos obtenham convenção com o Brazil, porque é perfeitamente injusto nós estarmos a fazer tratados com todos os paizes d'onde nos não póde vir nenhum proveito, sem termos um tratado precisamente com o unico paiz com quem elle nos seria largamente proveitoso.

Ora o sr. Louis Ulbach aproveitou a passagem do Imperador do Brazil por Paris, para n'uma carta publicada no *Gil Blas*, lhe pedir—esquecendo-se um pouco de que o imperador só por si nada póde fazer n'esta questão, e que os tratados internacionaes só pelas camaras pódem ser sanccionados—que faça uma convenção litteraria com a França, á similhança dos tratados reciprocos que ligam entre si os paizes da *União*.

E para reforçar os seus argumentos Louiz Ulbach cita largamente Portugal.

«O Brazil está relativamente a Portugal, diz elle, na mesma situação em que estava a França com a Belgica. Ha uma troca perpetua de *contrafacção* para dar um nome um pouco decente a um *empruntement* forçado que o diccionario qualificaria d'outro modo que a diplomacia.

«Mas Portugal que está prompto a assignar a convenção de Berne, não a *assignará senão quando o Brazil a assignar tambem*.

«No entretanto aqui tem o que acontece.

«Um dos nossos amigos de Lisboa é correspondente de um jornal brazileiro. A sua chronica paga no Rio é reproduzida impunemente por todos os jornaes de Portugal: e quando elle propõe a qualquer editor portuguez a venda do seu trabalho, este responde-lhe:

«Para que lhe hei de eu pagar um direito, se tenho de graça tudo o que o sr. publica no Brazil!

«E o nosso infeliz amigo não póde escrever na sua patria onde o seu talento é apreciado e acha-se *contrafeito* pelos seus compatriotas»

Louis Ulbach força aqui a nota: as cousas não se passam precisamente assim, entretanto na sua anecdota ha um certo fundo de verdade. E o escriptor francez continúa:

«Quero citar a V. M. um outro exemplo.

«O seu parente, senhor, o rei D. Luiz é um traductor eminente de Shakespeare. Edita as suas traducções impondo ao seu editor a obrigação de consagrar os direitos que lhe pertencerem a uma obra nacional.

«Mas desde que o livro do rei de Portugal é posto á venda em Lisboa é *contrafeito* no Brazil. D'este modo o regio traductor não é protegido pela sua propria familia contra a pirataria litteraria.

«O Brazil separou-se de Portugal. Porque não se honra elle em levar mais longe ainda a sua independencia, e depender só de si em litteratura como depende só de si em politica?»

A carta é muito longa e não temos espaço para mais transcripções: fizemos apenas aquellas em que Portugal, figura como argumento e argumento justo.

Naturalmente as palavras de Louis Ulbach ficam sem resposta, como tem ficado tantas outras mais eloquentes ainda que as do illustre escriptor francez; e o Brazil escudar-se-ha ainda com a celebre carta de Alexandre Herculano, para se negar a dar qualquer passo no caminho do reconhecimento da propriedade litteraria.

É pena, porque a verdade é que se o Brazil entrasse na *união* estabelecida pelo congresso de Berne e a que adheriram a Allemanha, a Italia, a Hespanha, a Belgica, a França, a Inglaterra e a Suissa, Portugal poderia entrar tambem n'essa liga, sem sacrificio dos seus interesses litterarios e pecuniarios, e prestando inteira homenagem ao principio, hoje universalmente reconhecido, da propriedade litteraria.

Esse principio, por tanto tempo desconhecido, e por tanto tempo depois combatido violentamente apesar de estar já hoje incluido nos codigos de todos os paizes civilisados, tem ainda restricções especiaes, não conseguiu por emquanto fazer-se inscrever n'esses codigos com a simplicidade eloquente do *projecto de lei* apresentado ha mais de vinte annos por Alphonse Karr:

«Artigo unico—A propriedade litteraria é uma propriedade».

E não nos palpita nada, infelizmente, que seja com a transcripção d'esse artigo unico no codigo do Imperio do Brazil, que D. Pedro II responda á carta-artigo publicada por Louis Ulbach no *Gil Blas*.

Em todo o caso veremos... e applaudiremos, se, contra a nossa espectativa, fôr essa a resposta do augusto soberano.

Gervasio Lobato.

ROMARIA A SANCHOAN

Hong-Kong, 21 de maio de 1887.

Senhor Redactor.—Convencido de que não deixará de ser agradavel aos leitores do seu esclarecido e mui lido jornal a noticia do que se dá de mais extraordinario entre a familia portugueza d'estas remotas paragens, permitta-me v. que lhe diga algumas palavras sobre a ultima romaria á historica e poetica ilha de Sanchoan, lugar em que, como v. muito bem sabe, viveu depois do seu regresso do Japão, enfermou e falleceu o grande apostolo do oriente S. Francisco Xavier.

As primeiras romarias d'este seculo ao primitivo tumulo do glorioso thaumaturgo, realisaram-se em 1813 e 1815, e só começaram a ser annuaes ou a fazerem-se mais regularmente desde 1864.

N'esta epoca em Sanchoan não havia mais que a eterna e luxuriante vegetação da ilha e dos seus formosos outeiros, na encosta de um dos quaes, do lado N. E. e a distancia de 50 metros, aproximadamente, da praia estava levantado entre macissos de verdura, o padrão que em 1639 os jesuitas erigiram á memoria do grande santo, consistindo n'uma singela lapide, em posição vertical, e em que se lia, da parte do mar e da terra em caracteres chinezes e romanos, a inscripção seguinte:

Aqui foi sepultado
S. Franc.º Xavier da
Companhia de Jesus Apos-
tolo do Oriente —
Este padrão se levantou
no anno de
1639.

Circuitavam esta lapide, n'uma area de uns dois metros quadrados quatro paredes derrocadas, que os romeiros de 1864 julgaram ser restos de antiga capella ali, em épocha remota erigida, pela mão piedosa de devotos romeiros, ou quiçá pelos padres da Companhia, o que não está ainda rigorosa e positivamente averiguado; mas corre como certo que os jesuitas francezes n'ella disseram repetidas vezes missa no anno de 1701, chegando um d'elles a affirmar que a sua fundação fôra promovida pelos jesuitas de Macau, no anno de 1700, isto é um anno antes.

Em 1864 (a 20 de novembro) fez o padre Rondina ex-professor do Seminario de S. José de Macau, collocar junto de uma das referidas paredes uma lapide de marmore branco, em que fizera gravar uma inscripção em caracteres simios e romanos, sendo a traducção da inscripção chineza, a seguinte:

Antiga sepultura do Santo Europeu S. Francisco Xavier, da Companhia de Jesus.

Esta lapida foi levantada pelos seus correligionarios no dia 17 da 4.ª lua do anno Chia-Tzu (Primeiro do seculo 75.º reinando o imperador Tam-chi, da dynastia Ta-chim.

De uma memoria d'esta romaria, que temos á vista, escripta por um romeiro no verso de duas photographias tiradas por aquella occazião, consta que esta lapide fôra «trabalhada e collocada gratuitamente por pedreiros chinas-pagãos, mettendo até alguns d'elles fortes empenhos para isso!...»

Sanchoan demora a umas 65 milhas de Macau e a 85 de Hong-Kong. Tem uma lindissima vista, um opulento arvoredo, bellos e ferteis pomares e arrozaes; e hoje é muito outra do que era no anno a que venho de referir-me, e já em 1879, por occasião da peregrinação que ali se fez, existiam os edificios que se vêem nas photographias que junto envio a v., e que melhor do que a minha modesta penna, darão uma ideia mais perfeita do que actualmente é a ilha.

Foram estas tiradas em 8 de maio do corrente anno, pelo excellente photographo chinez Afong, por occasião da ultima romagem, de que passo a dar-lhe succinta noticia.

Ás cinco horas da tarde do dia 7 de maio largava o magnifico vapor *Honam*, propriedade de *Hong-Kong. Canton & Macau Steam Boat Compagny*, de seu caes em Hong-Kong em direcção a Macau, com cerca de uns 300 romeiros de ambos os sexos, differentes nacionalidades, sendo a maioria portuguezes, a seu bordo, e chegava áquella cidade pelas 8 horas da noite do mesmo dia. Partia d'alli ás 11 com mais umas 50 pessoas, e chegava a bahia de Sanchoan ás 5 e meia da manhã, depois de ter estado fundeado ao largo desde as 3 da madrugada, esperando que amanhecesse.

Desembarcamos em seguida, e logo que pozemos pé em terra, rezaram-se umas 15 a 20 missas na capella, que foram devotamente ouvidas por todos os romeiros. Entre estes contavam-se muitos padres portuguezes, italianos e francezes, *Christian Brothers*, irmãs da caridade francezas e italianas, com algumas das suas educandas, um grande numero de chinas christãos de ambos os sexos, e como já disse acima, Portuguezes, Inglezes, Parses, etc.

A povoação de Sanchoan fica situada quasi no extremo da praia, e a sua população compõe-se de umas 2:000 almas, que vivem da agricultura ou da pesca.

Logo que os residentes avistaram o vapor saudaram-nos com repetidos e estrepitosos tiros de *kaitoca* e correram nas suas champanas a bordo para nos receberem e transportarem a terra, onde nos offereciam flores, agua, etc.

Depois de ouvida missa, disseminaram-se os romeiros em grupos pela ilha, aproveitando as 7 horas de demora em visitar a residencia dos missionarios, collegio, estatua do santo, e o mais que Sanchoan offerece de notavel ou se prende com uma data memoravel ou historica.

A capella no gosto gothico, é pequenina mas elegante, e está erguida sobre o terreno em que foi sepultado o corpo de S. Francisco Xavier; não tem sachristia, e no corpo da egreja acha-se a lapide a que já nos referimos, e como dissemos, fôra levantada pelos jesuitas para commemorarem o passamento do seu grande e santo correligionario.

A estatua é de bronze, assenta sobre um pedestal de granito, e foi erigida sobre o lugar em que a alma do santo se despendera do involucro terreno para ultrapassar os hombraes da eternidade. Tem a altura de 1 metro pouco mais ou menos, e representa o Apostolo com o braço esquerdo estendido, a mão meio curvada e o index elevado no acto de proclamar a fé.

Ao monte em que está situada a capella e a sepultura de S. Francisco Xavier, chamam os chinas *Sai-ho-shan* (muito bom monte) e á bahia, dão o nome de *shan chau tou* ou «tanque das tres ilhas», crê-se que em rasão de haver effectivamente tres pequenas ilhas d'um lado d'ella.

As duas ilhas que ficam na sua entrada chamam-se *Ping-chau* e a montanha ao longe, que fica fronteira á sepultura do Santo, *Ha-chun* ou «corrente inferior.»

Durante a ultima guerra franco-chineza, as guerrilhas ou hordas de bandidos que infestavam os dois kevango não pouparam á sua pilhagem, vandalismo e devastação quer a residencia dos missionarios quer a propria capella, a que até chegaram a roubar as venezianas de madeira das suas janellas e o sino.

Em 5 de maio d'este anno ainda não tinha nem um nem outras, mas o padre residente e os chinas haviam tido o bom gosto de as suprir por paninho, engrinaldando galharda e agradavelmente todos os porticos de vistosas e lindas flores que admiravelmente se casavam com o ambiente perfumado da ilha, o explendido panorama que ella offerece aos olhos do forasteiro extasiado, a opulencia exhuberante do seu arvoredo e vegetação, e um ceu azul, sereno e limpido, e como que convidando as alegrias do coração a inspirarem-se nas galas da terra.

Foi com saudade que todos demos a ultima despedida a este lugar formosissimo que a natureza capricha em aureolar com a dupla coroa de uma verdura luxuriante de seiva e belleza e o mystecismo suave, dulcissimo, terno, consolador que a crença nos infunde nos seios com esses sentimentos gratos que a crença brandamente nos aviva com o acariciador bafejo das doces emanações da fé.

A 1 hora da tarde do dia 5 abria de novo o *Honam* larga esteira nas vagas em direcção a Macau, aonde chegamos ás 6, e d'alli regressavamos a Hong-Kong, com uma viagem felicissima.

alegre e deleitosa, desembarcando aqui ás 9 horas e meia da noite, mas não sem viva saudade e a mais vigorosa tenção de continuarmos no anno seguinte, e nos mais por que as parcas nos conservarem a existencia, esta romagem ao tumulo d'esse grande vulto do christianismo que o mundo conheceu sob o nome de Francisco Xavier, e que com o seu verbo inspiradissimo, a sua dedicação sublime por Deus e pela humanidade, traçou em todo o oriente mais brilhante epopéa dos que os mais valentes e brilhantes capitães com a sua espada invencivel, tendo por arma a cruz, por lemma a religião em toda a sua pureza, conquistando almas com o Evangelho edificando-as com o seu exemplo inimitavel.

Até ao anno, pois.

De V.

Muito Attento Venerador, etc.

C.

AS NOSSAS GRAVURAS

O NOVO PAQUETE «PORTUGAL» DAS «MESSAGERIES MARITIMES»

Mais um esplendido barco com que a companhia das Messageries Maritimes acaba de enriquecer a sua esquadra de paquetes, composta de mais de trinta vapores que regularmente sulcam desde o Mediterraneo até ao Mar Negro, aportando ás terras de Portugal, da America e da China, da Africa e da Australia, da Nova Caledonia e da Reunião, de Madagascar e da Mauricia, do Senegal e do Amazonas.

Uma navegação vasta, como vastos são os seus navios, os maiores que crusam os mares n'este serviço transatlantico de paquetes, que Portugal muito especialmente alimenta com o seu grande movimento de passageiros para o Brazil.

O paquete *Portugal* tem quasi o mesmo aspecto que os outros vapores das Messageries; a sua armação não differe dos outros paquetes d'esta companhia, mas a sua capacidade é maior.

Mede o *Portugal* 135 metros de comprimento, tendo a roda de proa direita e medindo na fluctuação 140^m,20 de roda a roda. No pontal tem 11 metros e na caverna mestra 14 metros. A sua deslocação é de 7:720 tonelladas.

As suas machinas são de triplice expansão, da força de 4:800 cavallos, garantindo uma marcha maxima de 16 a 17 milhas ou a velocidade normal de 14 milhas por hora.

As caldeiras são de aço em folha, comprehendendo quatro corpos, tendo cada corpo seis fornalhas oppostas.

O helice, de pás de bronze, é de um novo systema de Mr. Reibec director dos estaleiros de *La Ciotat*, onde este famoso barco foi construido.

Tem este paquete diversas innovações que garantem tanto a sua solidez e vantagens para a navegação, como a commodidade dos passageiros, fim principal a que se destina, pois que accommoda 210 passageiros de primeira classe e 726 de convez, occupando estes ultimos toda a prôa na primeira e segunda coberta, com a ventilação necessaria por meio de ventiladores tubulares e vigias no costado do navio.

Um esplendido salão de musica assenta sobre o convez á ré. Por baixo está o salão da primeira classe artisticamente guarnecido com quadros de marinhas e de natureza morta, devidos aos reputados pintores Courdanan e Rousseau. Este salão é illuminado por 76 lampadas electricas, systema Edison.

Os beliches destinados aos passageiros de 1.ª classe, occupam toda a ré e parte do centro do navio, convenientemente ventilados, e com todas as commodidades, incluindo campainhas electricas e lanterna electrica em cada camarote.

Para uso d'estes passageiros tem tambem magnificos quartos de banho, tanto para homens como para senhoras.

As mezas de refeição são para 4 e 5 talheres, podendo reunir-se e formar mezas maiores conforme as necessidades ou gosto dos passageiros. As cadeiras são girantes e offerecem toda a commodidade possivel.

As cozinhas ficam para a prôa, distantes das accommodações dos passageiros. Tem uma camara frigorifera, systema Hall, onde se fabríca o gelo e se conservam certos mantimentos. Na prôa do navio ha as accommodações onde vão os animaes vivos destinados á alimentação dos passageiros.

A illuminação completa d'este barco comprehende 500 lampadas de systema Edison, produzida por dois dynamos triplices de Mr. M. Santer Lemonnier, sendo cada dynamo posto em movimento por uma pequena machina a vapor Compound a pilão, do typo das Messageries Maritimes.

E este magnifico paquete que vae fazer carreiras para o Brazil e a que a companhia das Messageries Maritimes deu o nome de *Portugal*.

O *Portugal* veiu ao Tejo em viagem de experiencia nos fins do mez passado, e agora emprehende a sua primeira viagem transatlantica, entre a Europa e a America brazileira.

EMILIO DIAS

Em Portugal é raro que os homens de verdadeiro merecimento obtenham outra recompensa dos seus serviços que não seja uma menção honrosa na imprensa periodica, e essa mesma, quando se faz, não logram elles muitas vezes lel-a porque, ao apparecer em publico, ja elles sahiram d'esta vida.

Por nós, julgamos-nos feliz por se nos proporcionar o ensejo de registar nas paginas d'esta util publicação o nome de um dos homens mais sympathicos que conhecemos.

O sr. Emilio Dias, cujo é o retrato que vem aqui reproduzido, deve ficar seriamente incommodado pela surpresa que ousamos fazer de lhe pôr em publico retrato e nome. Porque o sabemos, d'aqui mesmo lhe pedimos perdão, mas confessamos a nossa impenitencia, e temos a certeza de que os poucos que o conhecem nos hão de dar inteira razão. O unico pesar que nos magôa é sabermos quão pouco competente somos para o apresentarmos condignamente; mas d'isso não temos nós a culpa nem é essa uma razão para nos ficarmos em silencio. Se a acção é boa e justa, cada um a faça como pode e sabe.

E agora não se imagine que vou escrever a biographia do sr. Emilio Dias. Não censuro os que escrevem biographias em vida dos biographados; lá têem de certo suas razões; mas são tão variados os accidentes da vida humana que não me parece que se possa escrever com segurança, já não digo com imparcialidade, ácerca de um individuo que ainda ninguem sabe se completará e aperfeiçoará, ou se arruinará e desacreditará a parte conhecida da sua vida. E não posso esquecer aquelle dicto tradicional de Solou, quando se recusava a chamar feliz ao rei mais poderoso e opulento dos seus tempos. Não passará o que escrevemos de uma menção ou breve indicação dos meritos do sr. Dias, a qual talvez venha mais tarde a ser aproveitada, se antes não apparecer escripto melhor, por quem com mais competencia se encarregue de lhe escrever a vida.

Nasceu em Lisboa a treze d'abril de 1851. Aos onze annos entrou como alumno no internado do Instituto Industrial e Commercial de Lisboa e em pouco tempo começou a dar provas da sua applicação, estudo e talento, distinguindo-se particularmente na construcção de instrumentos de precisão e na analyse chimica. As provas que deu na primeira abriram-lhe entrada em 1872 para o logar que ainda hoje exerce na companhia do gaz. As da segunda fizeram que fosse escolhido para preparador de chimica organica na Eschola Polytechnica, logar pouco habituado a ver-se em mãos de peritos portuguezes, pois que ainda hoje é servido por chimicos allemães. Esteve alli tres annos.

Indiquemos alguns de seus trabalhos:

1.º Analyse das tres qualidades de gelo á venda em Lisboa.

2.º Memoria sobre a fabricação do asphalto por meio de um calcareo betuminoso analysado pelo ex.^{mo} sr. conselheiro Antonio Augusto de Aguiar.

3.º Parecer sobre a probabilidade le se produzir cal hydraulica com um calcare) analysado no consultorio de engenharia civil.

4.º Considerações sobre a appl cação como estrume da agua ammoniacal p oveniente da distillação da hulha nas fabricas do g z.

5.º Analyse da agua da Serra de Gerez.

Já não é pequena prova da sua assiduidade no trabalho e do seu talento e do desejo de ser util á companhia a cujo serviço tem estado a lista que acaba de ler-se; mas não se contentou com isto; um dia apparece-nos inventor, e os seus inventos são ainda no interesse da companhia, que está empregando com grande vantagem o *manometro electrico* e o *indicador do exgotto em pressão* do laborioso engenheiro.

O que porém a nossos olhos realça mais o merecimento do sr. Emilio Dias é a sua modestia e desinteresse. São sentimentos estes que encobrem, e quantas vezes abafam de todo, o valor real de quem os possue. Mas para quem conhece este, que relevo lhe dão, a que enorme altura o levam!

O inventor não só não privilegiou estes seus inventos, mas cedeu-os gratuitamente á companhia do gaz.

Inventou ainda mais o sr. Dias o *regulador de pressão automanometro*, experimentado e ensaiado com o melhor resultado pela companhia de carris de ferro de Lisboa em 1881, mas que, talvez por ter sido privilegiado, não passou do ensaio e experiencia. A descripção d'estes inventos acha-se n'um folheto impresso em 1885 e que, salvo um ou outro exemplar, não sahiu das mãos dos accionistas da companhia. De um d'elles aproveito eu a occasião para agradecer aqui ao auctor a offerta com que então me honrou.

Estamos tão costumados a ver a indifferença com que tractam entre nós aos homens de merecimento aquelles que ou por sua competencia ou ainda por gratidão lh'o deviam reconhecer e os deviam apontar ao menos como benemeritos, que não nos causou a menor extranheza o sabermos que a primeira recompensa honorifica que o sr. Dias recebeu pelos seus trabalhos, foi um paiz extrangeiro que lh'a deu. Em 1879 foi o nosso laborioso compatriota nomeado socio activo da Academia Chimica de Berlim.

Parece que era precisa a chancella extrangeira para que se não envergonhassem os nossos de manifestar o seu apreço pelo modesto trabalhador, ou antes para que se envergonhassem de o não terem feito ha mais tempo. Em 1881 foi nomeado socio honorario da sociedade pharmaceutica de Lisboa. Em dezembro de 1882 era chamado a fazer parte de algumas commissões importantes na Sociedade de Geographia, e mais tarde da commissão de illuminação e balisagem maritima da mesma Sociedade. Ultimamente e ainda no presente anno foi nomeado socio correspondente da primeira classe da Academia das Sciencias de Lisboa.

Não queremos levantar a penna sem registarmos uma das primeiras provas que deu da sua pericia em trabalhos de construcção de instrumentos de precisão. Reproduzimol-a tal qual nos foi contada por seu irmão e nosso particular amigo o sr. Alfredo Dias, outro trabalhador incansavel e prestimoso, a respeito de cujos trabalhos de sciencia e propaganda gymnastica publicaram ha pouco a *Medicina Contemporanea* e o *Correio Medico* um juizo de justo apreço e merecido louvor.

Um dia foi confiado a um moço, para o conduzir a certo ponto, um theodolito que o conhecido oculista Ribeiro havia emprestado ao fallecido Costa Ramos, sub-director da officina de instrumentos de precisão do Instituto Industrial. O desastrado moço deixou cahir o aparelho e fez-lhe uma mossa na escala. Emilio Dias, vendo o seu superior afflicto por julgar o apparelho inutilisado e não ter dinheiro para pagar, disse-lhe que se compromettia a concertal-o, sem que se pudesse conhecer defeito á vista desarmada.

Costa Ramos olhou para elle, admirado e cheio de duvida. Conhecendo-lhe porém a aptidão, acceđeu, impondo-lhe como condição fazer o trabalho á sua vista. Ao fim de oito horas de um trabalho preciso e paciente a mossa tinha desapparecido, sem que se percebesse onde tinha existido, e Costa Ramos abraçava o discipulo que tinha supplantado o mestre.

A esta e outras provas da sua muita aptidão para este genero de trabalhos deveu elle, como já dissemos, a sua entrada na companhia do gaz; porque em 1872, encontrando-se no Gremio Litterario o fallecido academico Daniel Augusto da Silva, que então era um dos directores da companhia, com o sr. José Mauricio Vieira, director da officina de instrumentos de precisão do Instituto Industrial, pediu a este que lhe mandasse para a companhia do gaz o rapaz mais habil e intelligente que tivesse na officina para estudar a industria do gaz. O sr. Emilio Dias foi o escolhido para tal missão, e nunca mais sahiu da companhia.

Ahi ficam estes escassos apontamentos. Servirão acaso de incentivo aos que estudam e trabalham, e de satisfacção aos que teem devidamente apreciado um caracter por tantos titulos respeitavel. Nós ficamos contente, porque cumprimos um dever, honrando o merito.

Lisboa, 10 de julho de 1887.

A. L. dos Santos Valente.

EXPOSIÇÃO DA SOCIEDADE PROMOTORA DE BELLAS-ARTES

XIV EXPOSIÇAO

(Continuação)

O «Campino», um quadro de Silva Porto, um quadro do mestre, uma reminiscencia dos «Campinos», uma *reprise* de figura d'este quadro, feito á ultima hora, para honrar a exposição onde figuram tantos discipulos seus, que o honram a elle—ao mestre.

Mas não é o «Campino» quadro por onde se deva julgar o artista, que aliás tem grandes télas e pequenos quadros, que já fizeram a sua reputação de primeiro pintor paizagista e animalista entre a moderna pleiade de artistas portuguezes.

Aquella figura isolada, no meio da campina, precisava de ser mais cuidada, e o modelo recente-se de não ser um campino a valer, authentico. De resto, o quadro tem ar, tem vastidão, mesmo dentro da estreiteza da téla.

E Silva Porto só expõe mais dois quadrinhos de paizagem, dois pedaços de natureza alegre que impressionaram o pintor e que impressionado os reproduziu, com toda a magia do seu pincel, onde será difficil descobrir o contorno de uma folha ou de uma pedra, mas onde a natureza vive realmente, com todos os seus caprichos, com todas as suas expansões livres, n'essa confusão apparente, que é a grande harmonia da vida.

Está n'isto o segredo de Silva Porto. O seu golpe de vista, rapido e justo, que não o atraiçoa, é que lhe dá a impressão real e positiva dos seus quadros.

E é sob esta influencia que os seus discipulos se adestram e estudam, e produzem já umas télas deliciosas como a «Paizagem em Queluz,» o melhor quadrinho do sr. Antonio Francisco Baeta.

Muito justo, muito verdadeiro na côr, na luz, sem liberdades exaggeradas nem restricções mesquinhas, e só é pena que estas qualidades se não sustentem nos outros quadros que expõe, em que só a «Praia do Alfeite» resiste melhor.

Se estamos na praia é claro que temos o mar na nossa frente, esse grande deserto d'agua onde o sr. Jeronymo Banhos foi procurar o motivo dos seus quadros, umas pequenas télas de amador que o é, mas um amador que sabe do seu *atelier* para ir impressionar-se na natureza, livre e altiva.

O mar!

O inspirador de todos os horrores e de todas as alegrias; que nos horrorisa tanto quando a tormenta ruge e as suas extensas planicies se cavam em enormes valles, como sepulturas hiantes, quanto nos alegra quando nos deixa gozar o maravilhoso espectaculo da natureza pacifica e generosa, illuminado desafogadamente pelo sol suspenso sobre a sua grandeza, deixando vêr na distancia o ligeiro esfumado da terra ambicionada, onde nos vae depôr, mansamente, sobre o seu dorso de crystal.

É a este elemento, que tem em si todos os motivos das grandes impressões sensibilisadoras, que o sr. Banhos foi arrancar os seus quadrinhos; mas poz de parte o drama, as tempestades, e preferiu a bonança; o vento fresco ou mesmo rijo empavezando as «Gaveas rizadas»; os effeitos de luz do «Pôr do sol no Tejo»; os pequenos barcos costeiros «Muleta (entre cabos)» e «Cahique (Cabo de S. Vicente)» etc., e sob uma nota violacia, que não lhe podemos perdoar, movimenta as ondas do salso elemento com certa verdade, observada e bem vista, com transparencia e frescura, que não deixa duvidas que é mar o que o seu pincel teve intenção de reproduzir na tela.

Deixemos o mar e vamos para a terra.

Um pedaço de terra ligeiramente avermelhada de almagre, onde não veceja sequer uma serralha, partida em torrões muito symetricos, postos ali cautelosamente, que nem os pés de dois homens, que muito serenamente seguem o arado, tem poder de os separar desordenadamente.

Se os homens tambem pouco se mechem, e muito menos cantam ou gritam aos pachorrentos bois que tiram o arado.

Os bois; esses sim, desafiam as marradas dos seus semelhantes, tem toda a verdade do modello, principalmente no tom; e é o tom que o sr. Carlos Augusto Xavier, auctor d'este quadro «Fins de Dezembro» e discipulo da Academia, vê melhor, a par de certa correcção no desenho, o que uma e outra cousa deve dar um bom artista se continuar a estudar e a seguir os conselhos do mestre, como parece que os seguiu n'este quadro, pois que os outros que expõe valem pouco.

E demos uma volta pela segunda sala d'onde inda não sahimos, e vamos encarar com um magnifico quadro de João Vaz «Em Dezembro», que é um dos melhores que este artista tem exposto d'esde que a sua individualidade se principiou a manifestar nas festejadas exposições do *Grupo do Leão.*

COLLEGIO DOS MISSIONARIOS EM SANCHOAN, Vidè artigo Romaria a Sanchoan

(Segundo uma photographia)

O tom d'esta pintura traz-nos á memoria aquelle famoso quadro de Alfredo Andrade «O pantano.»

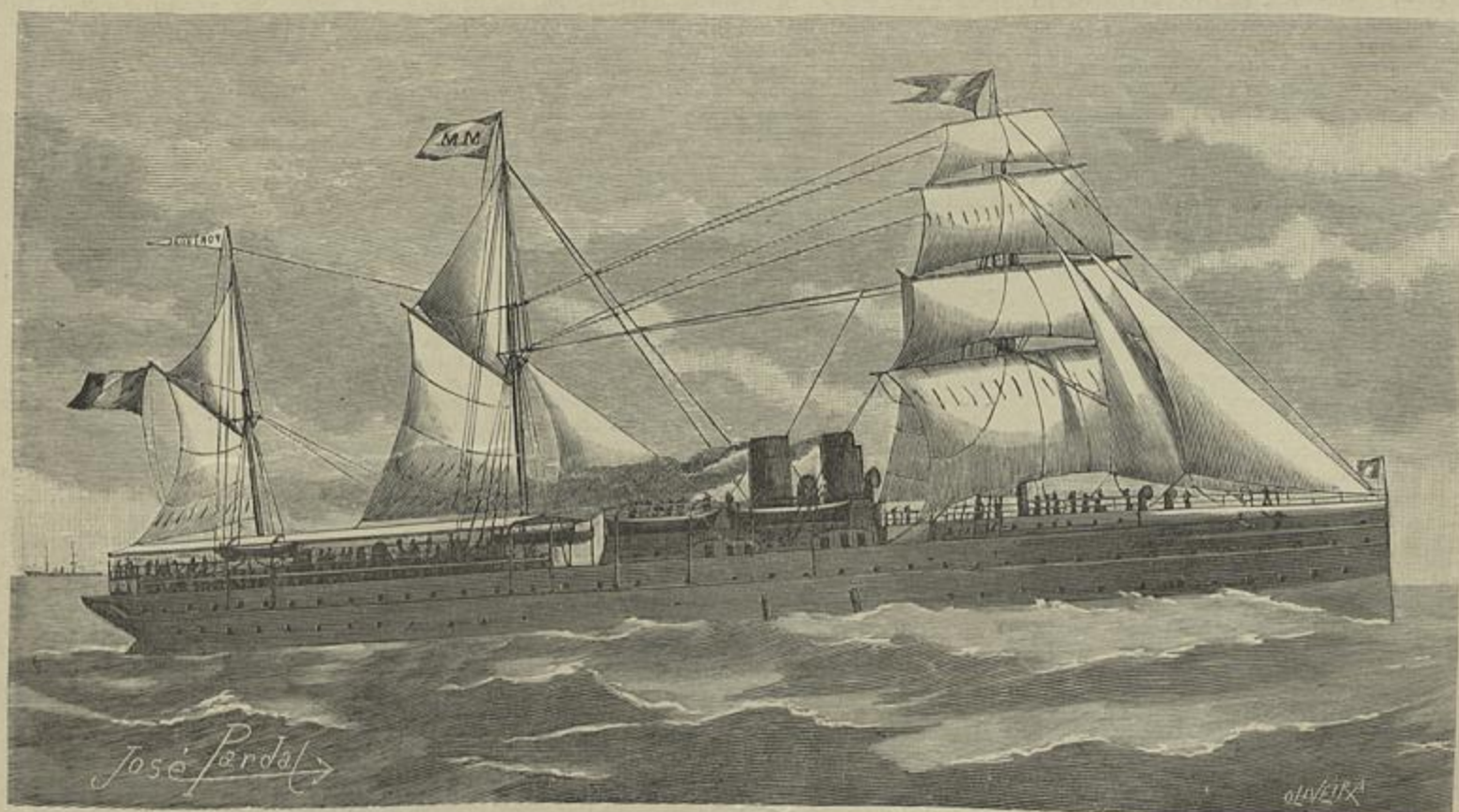
É á primeira impressão, que depois reconhecemos logo o auctor com a sua pronunciada paixão pela pintura de marinhas, que pinta muito melhor que a paisagem ou a architectura, de que «A Senhora da Oliveira (Guimarães)» é uma prova que vem reforçar o nosso juizo.

Se percorrermos a numerosa galeria de quadros do sr. Vaz, encontramos sempre as mais gratas impressões nas suas marinhas, sem deixarmos de notar o visivel progresso que este artista revella de exposição a exposição.

Mas a architectura é tyrana; não perdôa a agudeza do contorno, o rigor de um angulo, a mathematica de uma linha perspectica, a vertical de uma prumada, e muito embora o tom seja justo e o ponto de vista bem escolhido, se não obedecer áquellas leis, o quadro cahe pela base, sem figura de rhetorica.

É esta difficuldade ingrata de vencer, que faz recuar muitos pintores ante a severidade da

CAPELLA DE S. FRANCISCO XAVIER, EM SANCHOAN, LOGAR DO SEU PRIMEIRO TUMULO. Vidè artigo Romaria a Sanchoan

(Segundo uma photographia)

O PAQUETE «PORTUGAL» DAS «MESSAGERIES MARITIMES»

(Desenho do natural pelo artista amador sr. José Pardal)

architectura resistente, difficuldade que o sr. Vaz tem vencido em parte em alguns dos seus quadros, mas em que não triumpha como nas suas marinhas.

E agora regosigemos os olhos com variegadas flores que vivem n'umas deliciosas télas, pintadas pela Ex.ma Sr.a D. Josepha Garcia Greno, uma hespanhola que esposou um portuguez, o sr. Greno.

Um casal de artistas.

Sem rivalidades.

Casados para o amor e para a arte.

Ella cultivando as flores dos seus quadros, que nascem debaixo do seu pincel, com espontaneidade, com collorido, com viveza e graça natural, n'umas composições imprevistas, como «Um ninho de flores» e tantos outros quadros que rescendem o aroma das rosas e dos lilazes.

Elle cultivando o retrato com certa distincção, muito principalmente no de M.elle Nascimento, uma cabeça primorosamente pintada, com frescura, suave, destacando-se do fundo, sem dureza, muito melhor que «Las Pataneras», uma hespanhola que, sentada nos degraus da sua porta, entre uns vasos de flôres, dedilha na viola com a qual se não sente á vontade, n'uma posição a que mostra estar pouco habituada, e que o redondo do desenho torna ainda mais sensivel, alem da prespectiva não illudir o sufficiente para que a figura se despegue do fundo.

Ufa que nos ia custando concluir este periodo; mas muito mais nos custa vêr uma pintura encarrapitada por cima da «Las Pantaneras» que o catalogo diz ser um «Quadro decorativo».

Deixal-o.

O auctor d'esta obra tem na exposição coisa melhor; um quadro velho, feito antes da sua estada em Paris. Sim, porque o sr. Gameiro esteve em Paris, e se estudou ou não, isso só elle o sabe, ou qualquer indiscreto.

Nós não.

O quadro é uma cabeça de velha encostada ao seu bordão, e que parece furtar-se ás vistas dos curiosos lá para um canto da salla, lá muito em cima, onde a luz a não favorece; mas que resiste valorosamente a todos estes contratempos, e os nossos olhos lá a vão descortinar na sua modesta posição, com o interesse que os move de achar mais que louvar do que condemnar.

Se a transparencia da tinta que se observa n'aquella cabeça, se a expressão bem sentida e a harmonia constituem a belleza d'este quadro despertencioso—um estudo, é certo que estas qualidades não se reproduzem em outras télas do mesmo artista, nem mesmo quando nos apresenta a sua «Santa Genoveva», que nós não tivemos a ventura de conhecer, mas que emfim, o ideal serafico que nos deve acompanhar sempre que pensamos em santos, nos não dá aquella velha regateira que temos vagas reminiscencias de ter visto de canastra á cabeça.

Ora porque é que o sr. Gameiro não escolheu outro modelo? Um modello apropriado. Os seus «coelhos», por exemplo, foram muito melhor escolhidos e muito melhor pintados.

É verdade que os coelhos não tem aspirações a santidade. A sua unica ambição, ou melhor a nossa, é saboreal-os com um bom môlho condimentado.

(Continúa.) *Xylographo.*

CONFERENCIA

Recentemente, os professores primarios de Lisboa inauguraram uma serie de conferencias, feitas por distinctos homens de lettras, como Theophilo Braga, Pinheiro Chagas, etc.

Se porventura este facto é valioso como larga contribuição para o nosso aperfeiçoamento intellectual,—é de valor quasi inestimavel, como symptoma que vem revelar, consoladoramente, a elevada comprehensão luminosa que os nossos professores primarios teem, não só do seu destino social, mas do principio associativo,—verdadeiro, simples, generoso.

No dia 3 de julho, effectuou-se a terceira d'essas conferencias, feita, como as precedentes, na sala nobre do palacio municipal. Fallou Theophilo Braga, historiando as transformações do ensino,—correlativas sempre de transformações politicas,—desde os tenebrosos mysterios impenetraveis dos gremios sacerdotaes do Egypto e da India, até ás polytechnicas da Convenção,—e esboçando com uma tinta suave n'um fundo limpido e quasi transparente,—qualquer coisa como um azulejo,—a constituição social definitiva, e a organisação do ensino publico n'essa época venturosa, que trinta seculos de historia nos auctorisam a prever.

Indiquemos, ao de leve, o percurso que o distincto conferente seguiu.

Para que o ensino não seja apenas uma serie de regulamentações, é indispensavel que uma idéa superior e dominante dirija a sociedade.

A *theocracia*, que realisou a mais perfeita harmonia das consciencias, seguiu-se a *critica*. Os credulos são substituidos pelos convictos. Mas, como a critica divide as opiniões, o ensino só teve unidade sob o dominio da theocracia.

A revolução do fim do seculo XVIII não teve tempo de dar fórma definitiva ao poder temporal e ao poder espiritual; não teve tempo de edificar. Por isso, uma organisação social transitoria, em que se procura enxertar o mundo novo no mundo velho, e que é symbolisada na politica pelas cartas constitucionaes,—prolonga o criticismo negativista, o individualismo anarchico. É a nossa época.

É evidente, portanto, que não póde haver n'ella um systema completo e harmonico de educação, e que o professor,—simples serventuario a quem se paga,—é quasi sempre bem comparavel ao sachristão, que abre a porta da egreja, toca os sinos e accende as vélas, mas não percebe nada dos dogmas.

Antigamente, a educação derivava d'um pensamento dominador; hoje, deve conduzir para elle.

O homem é instrumento de tres cordas,—affecto, intelligencia e actividade,—que devem estar sempre afinadas pelo mesmo diapasão. A evolução social foi incompleta no Oriente, porque o *sentimento* era dominador exclusivo; na Grecia, porque a *intelligencia*, altiva e triumphante, só concedia o predominio á critica, demolidora e separatista; em Roma, porque foi apenas actividade essa famosa civilisação.

Quando o destino da actividade romana se realisou completamente, Roma transforma-se no mundo medieval. Então a egreja, predominando pelo sentimento, harmonisa a civilisação dispersiva da edade média. O ensino dá-se nas *collegiadas*, até que os reis, vendo a larga influencia da educação, fundam as *universidades*. Querem que os discipulos d'ellas tornem cada vez mais forte e prestigioso o poder real, exactamente como os discipulos das collegiadas avigoram e por vezes illustram a egreja.

No seculo XVI as universidades passam das mãos dos humanistas para as mãos dos jesuitas. A revolta individual de discipulos notaveis,—Luthero, por exemplo,—vae, porém, abrindo brechas n'este ensino, que é afinal substituido, no tempo da Convenção, pelo das polytechnicas.

Mas a fórma definitiva do ensino publico deve ser aquella em que as diversas sciencias estejam dispostas n'uma hierarchia, caminhando-se, naturalmente, das mais simples e vastas para as mais restrictas e complexas;—aquella em que os diversos graus do ensino,—elementar, médio e superior,—sejam perfeitamente eguaes em extensão e apenas variem de intensidade, de maneira que a simples instrucção elementar seja toda uma educação; aquella, emfim, que nos conduza para a idéa que deve tornar-se dominadora,—a idéa de *sociedade*.

Quando esta concepção, idealisada, mas real, nos dirigir, haverá a mais perfeita harmonia do affecto, da intelligencia e da actividade; teremos amor, elevado e generoso, e com elle, a ordem e o progresso.

José Pessanha.

ANTONIO LOPES MENDES

E O SEU LIVRO «A INDIA PORTUGUEZA»

(Continuado do n.º 310)

Referem tambem os mythologistas goanezes que Budha era filho de um poderoso rajah; que fôra educado no luxo e opulencia oriental; que na idade de vinte e oito annos, operando-se uma grande mudança nos seus sentimentos, viu as dores moraes, as enfermidades physicas, e a morte a aguár todos os prazeres da vida; a miseria dos homens commove-o, e fal-o desprezar as riquezas e a gloria da dignidade real. Abandonando a sociedade dos homens poderosos, procurou a solidão para meditar sobre os meios de libertar as creaturas de suas acerbas dores. Convivendo com os brahmanes solitarios, mas não se conformando com as doutrinas do brahmanismo, concentrou-se em si, e, á força de profundas meditações, adquiriu a suprema sciencia e a qualidade de Budha. Alguns gentios affirmam que não desprezou tão inteiramente as honras da realeza, como seus sectarios pretendem, se não que intentou arrebatar o poderio brahminico, proclamando-se representante da Divindade, como sua emanação celeste, poder absoluto e irresponsavel, guarda da verdade civil e religiosa, e sendo então perseguido pelos defensores da religião brahminica, se refugiou com seus discipulos em Ceylão, d'onde passou ao Thibet, á Tartaria e á China, estabelecendo em cada uma d'estas regiões seu culto, que não é mais que uma fórma da brahmanismo, que tentou derrubar, arvorando-se em chefe religioso.

DECIMA ENCARNAÇÃO. *Calunquy avatar.*—A decima e ultima encarnação de Vishnú, denominada *Calunquy*, dizem os gentios que ha de succeder no fim da presente idade do nosso planeta, segundo o seu systema cosmographico. Conforme os Vedas, affirmam elles que o universo, quando terminar a epocha em que vivemos, chamada *Caluyuga* ou Calunquy, e que é computada em quatrocentos e trinta e dois mil annos, dos quaes se acham volvidos quatro mil novecentos e sessenta e sete, passará a ser um montão de vapores, uma força espalhada, vaga e tenebrosa, como aquella d'onde saíu o germem da humanidade, voltando ao estado de *pralaya* (cahos).

Esta acção será executada por Shiva ou Mahés. Então Vishnú, como se vê da estampa, apparecerá sobre a terra montando um cavallo branco alado. Em uma das mãos terá uma espada, na outra o checrá, e na na terceira o buzio xenco. N'esta terrivel figura, e ao clangor do xenco chamará a juizo final os perversos, que destruirá. O sol e a lua se obscurecerão, a terra tremerá, as estrellas caírão, a serpente sexa, vomitando fogo, queimará todos os mundos, e todos as creaturas perecerão para deixar o logar a outros systemas de mundos, a outros soes, outros astros, outras terras, mares, plantas e animaes, que serão novamente creados por Vishnú, para continuarem a historia universal e eterna.

Dizem as tradições brahminicas que Brahmá dividira a duração do universo em quatro *yugas* ou epochas.

A primeira, denominada *Critayuga*, comprehendeu um milhão setecentos e vinte e oito mil annos. N'esta epocha os homens eram altos e robustos, e viviam longos annos, sempre saudaveis e na melhor harmonia; a terra produzia vinte e uma por uma semente; as alfaias domesticas e ruraes eram de oiro que a terra produzia em abundancia, mas que ninguem apreciava. O que então se estimava eram as pedras preciosas, que passavam por moeda corrente.

A segunda epocha, chamada *Tritayuga*, abrange um milhão duzentos e noventa e seis mil annos. Foi n'esta epocha que o genero humano se multiplicou, e se manifestou a ambição e a malicia, fazendo escassear o oiro, que era accumulado pelos mais fortes, dando logar ao apparecimento da prata, até então desconhecida. Começou a enervar se sensivelmente a organisação do homem, pela avidez com que os ambiciosos pretendiam enthesourar o oiro, que passou a ser reputado uma preciosidade, sendo por este motivo que se ficou denominando *epocha do oiro.*

A terceira, designada *Duapar*, computa-se em oitocentos e sessenta e quatro mil annos. N'esta epocha augmentou consideravelmente o genero humano, e com elle crescêra a fraude, a avareza, o odio, as inimizades e as vinganças, cujo resultado foi enfraquecerem progressivamente os corpos humanos, e tornarem-se sujeitos ás necessidades e enfermidades provenientes do conjuncto d'estes sentimentos desorganisadores. Sendo a prata introduzida no commercio como moeda corrente, chamaram a esta epocha, *epocha da prata.*

A quarta, denominada *Caluyuga* ou *Calunquy*, que é a epocha em que vivemos, comprehende a existencia de quatrocentos e trinta e dois mil annos, dos quaes, como já tivemos occasião de dizer se acham volvidos quatro mil novecentos e sessenta e sete. Diz-se que tendo a maldade e a perfidia tomado maiores proporções n'esta epocha fôra desterrada a *verdade* para as regiões ethereas, e, que sendo a moeda de prata substituida pela de *calaim*, lhe deram o nome de *epocha de ferro.*

Terminada esta epocha, voltará o universo ao primitivo estado de *pralaya*. Nos ultimos doze annos a terra tornar-se-ha esteril, assim como todos os seres animados, que pouco e pouco

perderão a vida á mingua de alimentos e de calor; apparecerão então doze soes que irão perdendo o seu calorico até de todo se extinguirem, e diversos signaes na lua e nos astros, que tambem deixarão de existir; os tremores de terra serão continuados, e medonhas trovoadas porão os homens e os animaes em extrema confusão. Um homem poderoso se levantará e sujeitará ao seu mando todos os reinos e imperios do mundo, os quaes terão um só rei, uma só religião e um só Deus. Emfim, no dia fatal da terminação da presente epocha, no *dies iræ* das vinganças de Shiva, haverá o grande desequilibrio de todos os mundos, a magnifica machina do universo ficará toda desconjunctada, e o nosso planeta terá exhalado o seu ultimo sopro de vida para dar logar a outro systema planetario.

Os naturalistas hindús approximam-se de uma maneira admiravel das doutrinas anthropologicas modernas.

Shiva ou *Mahês*.—Shiva, terceira pessoa da *trimurty*, a quem foi concedido o direito de destruir e reformar a materia, é representado n'esta estampa montado n'um *gnú*, com cinco faces, recebendo por este motivo a denominação de *Mahadeu-Panchamuqui*. Quatro faces representam os quatro pontos cardeaes, e a quinta mostra a atmosphera, d'onde deriva o Ganges.

Tem quatro braços: n'uma das mãos segura Parvoty; na outra o Ganez; na terceira e quarta emblemas de destruição, pendendo-lhe do pescoço um collar de caveiras.

Nas grandiosas tradicções primitivas sobre *Anant* ou *Narayana*, nota-se a idéa da unidade de Deus, ser infinito; na doutrina das emanações de Vishnú acha-se, ainda que muito desfigurada, a idéa da creação, sendo digno de observar-se que a ordem da producção da luz, das aguas e da terra tem certa analogia com a da creação, tal como se refere no primeiro capitulo do Genesis.

Nos tres attributos de Anant e nas suas transformações em Brahmá, Vishnú e Shiva, será permittido ver um reflexo da idéa da Trindade.

As indicações de Platão e outros philosophos gregos sobre o augusto mysterio da Trindade manifestam que esta idéa não era de todo desconhecida dos pagãos; e é de crer que os gregos a houvessem adquirido em suas viagens pelo Oriente, pois que ha probabilidades de que das margens do Ganges e do Indo a civilisação tenha passado para as do Nilo, do Egypto para a Grecia, d'esta para Roma, e d'aqui para o occidente da Europa.

A metempsycose ou transmigração das almas é um ponto fundamental das doutrinas dos brahmanes. Consequentemente, prohibem matar e comer os animaes. A recompensa dos bons e o castigo dos maus estão unidos com aquella idéa divulgada por toda a Asia e por todo o Egypto. As almas se procederam bem, recebem como recompensa a intima união com Brahmá em Moká, reino onde reside a felicidade suprema; e se se conduziram mal, são castigados, passando para os corpos das bestas e de outros animaes, ou para o *Naracá* (baratro) conforme a gravidade da culpa.

(Continua). C. A.

SCENAS DA VIDA RUSTICA

A NETA DO TIO TORQUATO

I

Não havia em todo o Cardal homem mais popular nem mais occupado do que o tio Torquato: o bom do velho não tinha mãos a medir, andava sempre n'uma roda viva.

—O' tio Torquato, a minha *Bonita* está com uma dôr. Se me morre fico sem o meu ganhapão! Que lhe hei de dar?

Torquato ia ver a vacca, e receitava.

—Tio Torquato, deu-me o bicho no pomar. Vae lá ver o que aquillo é, e se se lhe pode acudir?

O tio Torquato ia ver o pomar, e catava o bicho do arvoredo.

—Tio Torquato, tive hontem uma questão com o meu compadre José, por causa da nascente da serra: a rasão está por mim, mas a gente não quer viver mal com pessoa alguma... Se vossemecê estivesse com elle, e lhe fallasse...

—Sim, sim, deixa estar, que eu vou ter com elle, e vamos a ver se se arranja isso. Vocês andam sempre com implicancias.

—Ora faça-me esse favor.

—Sim, rapaz, lá vou.

E o tio Torquato lá ia com a embaixada, e as pazes faziam-se sem intervenção do pau, nem da espingarda.

Agora era o rapazio que o cercava.

—Nós ámanhã queriamos ir armar aos passaros: dá-nos um bocadinho de visco, tio Torquato? gritavam em differentes tons todos os garotos da aldeia, á roda d'elle.

—E vocês, seus tolinhos, sabem fazer a arvore?

—Nós, não, senhor,—respondiam elles todos enleiados.

—Então querem as varas tambem, e que eu arranje a arvore, e tudo, hein? Aposto, seus velhaquetes,—acrescentava elle sorrindo,—que depois nem ao menos me dão um pintasilgo...

—Ah! isso, sim, senhor. Ora essa! Vossemecê escolhe os que quizer,—gritavam os pequenos todos á uma.

—Isto é brincadeira. Tenho as gaiolas cheias. Vão lá ámanhã pela arvore.

E o Torquato lá ia para casa preparar a armadilha para os rapazes, que ao romper da manhã já lhe estavam batendo á porta.

—Viva o tio Torquato!—gritavam elles á saída, a correrem alegres para o campo, com a sua arvore como um brinco, toda coberta de varas enviscadas.

—Vão, rapazes, vão... Quem me dera no seu tempo—e uma lagrima assomava aos olhos ainda vivos do caçador, que ficava á porta, seguindo com o olhar saudoso o bando garrulo e estouvado do rapazio.

Era assim o tio Torquato. Nas reuniões da gente da terra—na eira, na taberna, no adro da egreja, aos domingos—não havia senão uma voz a respeito d'elle.

—Ah! o tio Torquato? isso sim, esse é d'outro tempo, é bom de lei.

II

Uma caçada ás galinholas nos pinhaes de A. fez-me travar conhecimento com o bom velho, que havia de ser o guia d'estas excursões.

Meão d'estatura, sécco de carnes, requeimado pelo tempo, Torquato, apesar dos annos—tinha sessenta feitos—era direito e firme como um pinheiro. A sua cabeça apresentava uma particularidade notavel: o cabello basto, cortado redondo e penteado sobre a testa, era negro como azeviche, emquanto que a barba em leque, larga e fornida, estava já branca como a neve.

—E' a minha certidão d'edade, disse-me elle á noite, quando ceiavamos. Está bem patente, anda sempre comigo,—e sorrindo-se, accrescentou em tom de gracejo, afagando-a com a mão grossa e ossuda. Isto é a baixa do serviço, e, como vê, está limpa, não tem mancha. Dizem-me cá os amigos que a côrte, que fico mais rapaz, mas eu não pretendo enganar ninguem, nem quero que digam que ando cá no mundo pelos cabellos.

—Bravo o *calembour!* gritou um dos caçadores presentes, que morria pelos trocadilhos. Viva o Torquato. A' saude...

—D'elle e da neta—interrompeu o nosso amphitryão.

—Muito agradecido, meus senhores, respondeu o velho caçador, visivelmente commovido pelas palavras do dono da casa.

—O' Torquato, isto ainda é cedo, e estes senhores lá de Lisboa estão costumados a deitar-se tarde. Você, que tem a aljava sempre cheia de historias, ainda não contou nenhuma das suas proezas a estes cavalheiros. Olhe que elles são apreciadores... Lembra-se d'aquella do Manuel David... D'onde era elle, Torquato? Não me lembro já agora...

—Ah, era o do Espinheiro. Essa foi uma de S. Quintino, como diz cá o sr. Alfredo. O sr. sabe-a já de cór...

—Mas estes amigos é que ainda não a ouviram...

—Lá isso tambem é verdade. Pois ella ahi vae, e perdoarão se não valer o trabalho. Eu nem sempre fui velho, e em moço gostava de gyrar, tinha alguns patacos, cuidados nenhuns, e boa saude. Festas, arraiaes, cirios, feiras, não me falhava uma aqui pelos arredores, e ao tempo em que isto foi, faltava-me só ir á festa de S. Braz, no Prado, que fica lá para as bandas de Alcanede e do Espinheiro.

—De Alcanede era o capitão José Manuel, disse o nosso hospedeiro.

—Era, era: já lá chegamos—respondeu Torquato, que continuou. Ia eu dizendo que ainda não fôra ao Prado, onde conhecia alguns rapazes, e no Espinheiro tambem tinha o David e o capitão José Manuel em Alcanede, e outros mais, que não veem agora para o caso. Montei no *Alfaiate*... Os srs. riem-se?... Era um cavallo de contrabandista, que eu tinha comprado, e que era um papa-leguas... Nunca vi nada assim! Passei por casa do capitão, e como já não o encontrei, dei uma volta, e toquei no ferrolho do Manuel David. Muito abraço, muita festa para a festa, mas eu que contava com a companhia d'elle achei-me codilhado, porque elle tinha torcido um pé, e resolvera ficar em casa. Armámos conversa: as palavras são como as cerejas. Appareceram outros, arranjou-se um chinquilho, veiu uma rapariga com uns olhos vivos como duas brasas, que era lá parenta d'elle ou não sei que, e eu, que sempre gostei d'uns olhos bonitos, esqueci-me de todo do S. Braz... Que o levasse a breca. Nem o santo nem toda a feira tinham uns olhos como os da Mariquitas... Não vi o santo, mas já estava vendo a santa, e ella tinha cara de fazer milagres.

—Você ainda se lembra d'ella, hein, seu maganão?

—É signal de que estou vivo; mas vamos á historia. Ora o que eu ainda lhes não disse é que festa de S. Braz, no Prado, sem muita pancadaria, era coisa que ainda se não tinha visto, desde o primeiro dia em que ella se fez; por isso é que na roda das minhas devoções, eu a tinha guardado para o fim, e fui buscar o David, porque, no caso de haver alguma pêga, eramos dois. Eu de mim não fallo, mas o Manuel, cá o patrão bem sabe—o Manuel David com um pau nas mãos era homem para sete ou oito. Muito prudente, e muito respeitado, porque o merecia, mas livrasse-se qualquer de o desattender: então era uma féra, e todos o temiam. Quando elle apparecia todos se mostravam muito seus amigos, e a respeito de linguas compridas, recolhiam-as ainda os mais pimpões! Mas estava escripto que eu e o Manuel David sempre haviamos de ir a S. Braz, ou S. Barzabum, que se veiu atravessar nos meus planos fazendo-me largar a guitarra e a menina dos olhos bonitos, que já estava pelo beiço, e já me perguntára se eu era solteiro. Acabava eu de lhe dizer que sim,—porque fóra da minha terra era sempre solteiro,—quando entra pela casa dentro o feitor do capitão, dizendo ao David que seu amo lhe mandava pedir fosse acudir ao Prado, onde já andava travada a desordem entre os valentões de Espinheiro e os de Alcanede.

—Mas eu estou como vocemecê vê, coxo... O que vou lá fazer? Quando lá chego ninguem me attende, e eu não sou homem que soffra uma desfeita. Ora esta não está má!—e dizendo estas palavras, Manuel David voltava-se ora para mim, ora para o enviado do capitão.

—Mas é que ali vae haver mortes, observou este. Quem ha de ouvir o patrão?

—Pois sim, haverá, mas eu não tenho culpa d'isso.

—Ó Manuel, vamos lá ver, disse eu n'um arranco.

—Pois vá de valetas; o que nos pode acontecer é... nem eu sei o que é. Isto é uma asneira, mas reparte-se pelos dois. Anda d'ahi, meu pimpão.

Montei no meu cavallo, e elle no burro, e lá fomos para a guerra.

—D. Quichote e Sancho Pansa...

—Cá o sr. Alfredo, quando eu chego a este ponto, diz sempre isso, e os srs. riem-se, e eu rio-me tambem, que elle já me explicou a historia dos taes hespanhoes, mas o que lhes digo é que quando nós chegámos ao Prado, e vimos a baralha, nenhum de nós teve vontade de rir. Era uma gritaria que ninguem se entendia. Os paus pareciam malhos, e estalavam uns nos outros e nas cabeças, que já andavam muitas partidas, havia navalhas arrancadas. O diabo do inferno!

—Em boa nos mettemos nós—disse-me o David. Estamos arranjados, compadre, mas aqui não ha recuar—e encaminhou-se para onde era maior a bulha. Eu segui-o. Elle fallou, chamou pelos nomes, e alguns disseram—olha o Manuel David—mas aquillo já não ia com palavras...

Então não sei como foi, mas nós achámo-nos ambos a pé, e principiámos a apartar o gado. Já ainda agora disse que não fallava de mim, nem sei o que fiz, livrei-me, mas como não tirava os olhos do compadre vi o que elle fazia. Ó pae da minha alma! Nunca vi dar assim! Elle apenas entrou abriu logo praça, fez uma eira á roda de si! A cada pancada que elle mandava ou era um pau partido, ou um que saltava fóra das mãos do dono, que ia em busca d'elle a casa de Deus verdadeiro! Attravessámos a feira, e quando chegámos ao fim, e voltámos para traz, não vimos já senão duas ou tres mulheres e uns rapazes, que

andavam apanhando as mantas e os chapeus, que tinham ficado pelo chão. Tudo se tinha escapulido. Não que não houvesse ali muito homem valente, mas respeitavam o Manuel David. Onde elle apparecia era sempre assim.

— E o capitão?

— Ai, senhores, o homem parecia que não cabia em si de contente! Vinha esbaforido á procura do David. Apenas o viu, correu e agarrou-se a elle aos abraços, e quando socegou mais, metteu a mão ao bolso, tirou um punhado de meias corôas, e deu-lh'as.

— Toma lá, toma, que bem as mereceste. E depois, voltando-se para mim e para os que estavam ali, disse: Isto foi um homem, é um homem, e ha de sempre ser um homem. Já não ha vaccas que tenham d'estes bezerros!

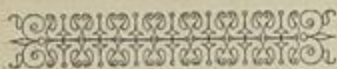
— Aqui teem os senhores uma de S. Quintino, como lhe chama o sr. Alfredo. Queiram desculpar, se a não disse bem, mas assim é que ella foi, e com esta me vou. Até logo. São horas de dormir. Muito boas noites.

Um velho relogio inglez preludiava a um canto da casa um menuete, e ia dar dez horas.

(Continúa).

Zacharias d'Aça.

EMILIO DIAS

(Segundo uma photographia de Winter)

RESENHA NOTICIOSA

Henry Mayhew. Falleceu em Londres, Henry Mayhew, director do *Punch*, notavel periodico de caricaturas que elle ha quarenta e seis annos dirigia.

Morte de Depretis. O telegrapho deu a triste noticia do fallecimento, em Stradella (Piemonte) no dia 31 do mez passado, de M. Agostino Depretis, o notavel estadista italiano, chefe do partido liberal, e um dos que mais contribuiu para a unidade da Italia. A sua morte póz em crise o ministerio italiano. Depretis nasceu em Stradella em 1811 e dedicou-se á carreira de advogado, depois de ter concluido os seus estudos na universidade de Turin. Em 1849 entrou na vida official como governador civil de Brescia, e no anno seguinte tomou pela primeira vez assento na camara dos deputados. Em 1862 entrou para o ministerio de Ratazzi, na qualidade de ministro das obras publicas, e em 1866 fez parte do gabinete Ricazoli, primeiro como ministro da marinha, e depois, da fazenda. Pela morte de Ricazoli foi eleito chefe da opposição no parlamento. Encarregado da formação de gabinete, em 1876, tomou a presidencia e a pasta da fazenda. Durou pouco este governo, que ao fim d'um anno cedeu o logar a Cairoli que tambem se não sustentou muito, voltando Depretis a formar novo ministerio de colligação. Este ministerio sustentou-se até 1879, em que foi substituido pelo gabinete Cairoli, mas em que Depretis tomou parte como ministro do interior. Em 1881 foi Depretis novamente encarregado de formar gabinete, que se conservou até junho de 1885, em que deu a sua demissão pela hostilidade da camara á occupação de Massuah. Houve então uma crise difficil de resolver e em que Depretis retomou a direcção dos negocios publicos, formando novo gabinete. São estas as principaes notas biographicas da sua vida politica, cheia de serviços ao seu paiz.

Anthero do Quental. Consta que estão sendo traduzidos na Allemanha pelo professor Stook os sonetos de Anthero do Quental.

Estatua do papa Urbano II. Foi inaugurada em Chantillon uma estatua ao papa francez Urbano II. O monumento tem 21^m,25 de altura, tendo a estatua 8^m,30. Foi erigido no proprio terreno do antigo palacio de Chantillon, residencia dos antepassados de Urbano II.

Caminho de ferro de Torres a Leiria. Foi inaugurado no dia 31 do mez passado o caminho de ferro de Torres a Leiria, que atravessa regiões extremamente pittorescas, a par da sua importancia productiva. Esperamos publicar algumas vistas d'esta nova linha ferrea.

Sociedade da Cruz Vermelha. A sr.ª viscondessa de S. Caetano vae organisar em Vizeu uma delegação da Sociedade Cruz Vermelha, de que sua ex.ª é socia.

PUBLICAÇÕES

Recebemos e agradecemos:

Regulamento geral e Programma da Exposição Industrial Portugueza *na real tapada da Ajuda, que será inaugurada no dia 1.º de maio de 1888, sob a protecção de sua magestade el-rei o senhor D. Luiz*. Lisboa, Imprensa Nacional, 1887. Esta exposição constará de doze grupos, divididos em quarenta e duas classes. Os grupos são: 1.º materias primas do reino mineral; 2.º machinas, apparelhos e processos empregados na transformação das materias primas do reino mineral; 3.º productos da transformação das materias primas do reino mineral; 4.º materias primas do reino vegetal; 5.º machinas, apparelhos e processos empregados na transformação das materias primas do reino vegetal; 6.º productos da transformação das materias primas do reino vegetal; 7.º materias primas do reino animal; 8.º machinas, apparelhos e processos empregados na transformação das materias primas do reino animal; 9.º productos da transformação das materias primas do reino animal; 10.º industrias complexas; 11.º industrias caseiras, exposições comparadas, inventos e descobrimentos portuguezes; 12.º instrucção e aperfeiçoamento das classes operarias. N'estes grupos acham-se, pois, incluidas todas as industrias portuguezas, notando nós a ausencia de um grupo de Bellas-Artes, que nunca deixam de figurar n'estes certamens. As recompensas que serão conferidas aos expositores que se distinguirem constam de diplomas de honra, diplomas de medalhas de ouro, de prata e de bronze, menções honrosas. Os productos para serem expostos devem ser enviados desde o dia 1 de fevereiro a 31 de março de 1888.

Aguarellas, por Tito Martins. Um pequeno livrinho de pequenos contos, primeiro de uma série d'elles que o auctor se propõe a publicar mensalmente. São tres os contos que este livrinho contém, dois em prosa, um em verso. Umas miniaturas esboçadas, rescendendo voluptuosidade, leitura estimulante, que francamente não nos parece muito de accordo com o programma d'esta publicação onde diz: «... especialmente dedicada ao convivio interno dos *boudoirs* elegantes.» Verdade seja que o serem elegantes não quer dizer que sejam honestos, mas em seguida diz: «digna por todos os motivos de figurar nas *etagéres* ainda as mais recatadas.» o que faria se não fossem *recatadas*.

Observações praticas, *sobre a proposta de reforma judiciaria do Ill.mo e Ex.mo Sr. Ministro da Justiça, conselheiro Antonio da Veiga Beirão*, por José Theophilo de Miranda Leone, escrivão de direito da 4.ª vara de Lisboa. Um folheto de 64 paginas, que, como se vê pela leitura do titulo, prende com a reforma judiciaria, submettida á apreciação do parlamento. Parecem-nos tão justas as observações feitas pelo sr. Leone no sentido de melhorar a posição dos empregados forenses, que estamos certos ellas serão attendidas pelos que teem de dar o seu voto sobre o assumpto.

Versos e versões, Raymundo Corrêa. Rio de Janeiro, Typ. e Lith. Moreira Maximino & C.ª 1887. O sr. Raymundo Corrêa auctor dos *Primeiros sonhos e Symphonias*, publicados em 1879 e em 1883, apresenta agora o seu terceiro livro *Versos e versões*, pelo que se vê que a sua lyra não cança e bem ao contrario se desentranha em saborosos fructos. Prosiga poeta, que entre essa natureza uberrima que o sol vivifica com os seus mais fecundantes raios, a poesia tem o culto apaixonado das imaginações ardentes. Da edição diremos apenas que é luxuosa e que honra o trabalho dos srs. Moreira Maximino & C.ª, a quem devemos a fineza da offerta.

Sonetos e Poemas, Alberto de Oliveira. Rio de Janeiro, imprensa de Moreira Maximino & C.ª 1886. Um livro que não é novo, mas que só agora nos chega ás mãos por delicada offerta dos seus escrupulosos impressores. Mas o livro não precisa dos nossos encomios porque o nome do seu auctor é a sua principal recommendação, um poeta distincto entre a moderna geração brazileira, cujo nome festejado já passou a linha e veiu echoar n'este velho continente de Portugal. E como não ha de ser assim, se nós, abrindo o livro ao acaso, encontramos em suas paginas versos como estes:

> Emfim... Nas verdes pendulas ramadas
> Cantae! passaros, vinde ouvil-o! rosas,
> Abri-vos! lyrios, rescendei! medrosas
> Violetas e dhalias redobradas.
>
> Prestae-me ouvido! Saibam-n'o as cheirosas
> Balsas e as leiras flóridas plantadas;
> Aves e flôres, flôres e alvoradas,
> Alvoradas e estrellas luminosas.
>
> Saibam-n'o agora! os céos, a esphera toda
> Saibam-n'o agora! Emfim, sua mão de leve...
> Borboletas, que pressa! andaes-me em roda!
>
> Auras, silencio! Emfim, sua mãosinha,
> Sua mão de jaspe, sua mão de neve,
> Sua alva mão pude apertar na minha!

Typ. Castro Irmão — Rua da Cruz de Pau, 31 — Lisboa